

# Do colonialismo como nosso impensado

Um novo volume de ensaios de Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como Nosso Impensado*, está a chegar às livrarias, com texto editado e inéditos do grande pensador, que sempre se interessou pelo tema. Com a chancela da Gradiva, nas Obras do autor, o volume é organizado por — e tem um prefácio de — Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio, bem como uma “nota prévia” do próprio ensaísta, intitulada “40 anos de atraso”, que aqui se antecipa

## Eduardo Lourenço

A apresentação deste volume de escritos de várias épocas, conjugados pelo fio comum da reflexão sobre o colonialismo português, podia ocorrer ou com um excesso de palavras que explicasse a circunstância e o contexto onde cada texto foi pensado e redigido, ou com a forma elíptica do silêncio. Talvez esta seja a mais indicada porque não seria possível reconstruir todos os momentos, os estados de ânimo e as ideias que ao longo de tanto tempo os constituíram. Mas o que está escrito, está escrito. A melhor atitude, portanto, talvez seja a de deixar cada texto falar por si, levando a poeira que o tempo aí depositou marcando a sua passagem inexorável.

A recomposição que aqui se propõe tenta reconstruir um tema que atravessou uma parte considerável



da minha reflexão ao longo de tantos anos e tantas andanças: o colonialismo português como um caso onde Portugal se revela em toda a sua complexidade. As mitologias sobre as quais ele se articulou mostram algo

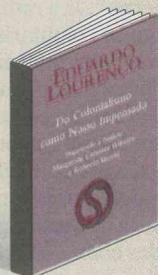
de nosso e muito profundo embora de modo indireto e não raramente mistificado: a «identidade» de um País que pela maior parte da sua história se construiu por fora, evitando assumir o seu olhar interior, o que

## A permanência de um pensamento

Como Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio (responsáveis pela cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha, de que o segundo é catedrático de Estudos Portugueses, e investigadores do CES, da Universidade de Coimbra) sublinham na sua nota editorial, a obra “reúne textos publicados e inéditos, completos e fragmentários, de EL sobre o «problema colonial» português. E salientam depois que esses textos “compõem um mosaico lúcido e coerente que, peça após peça, foi montado de modo incansável — nem sempre pensado para publicação — no arco de 50 anos e que tem continuado a projetar as suas luzes penetrantes praticamente sobre toda a obra crítica, tornando-se uma permanência no seu pensamento. Numerosas margens desta imensa reflexão eram amplamente conhecidas, em particular depois da eclosão da liberdade pós 25 de Abril, quando

algumas partes deste enorme labor, revistas, atualizadas ou refundidas, vieram à luz em volumes como *Situação africana*, ou em artigos como *Mitologia colonialista e realidade colonial*.

E prosseguem: “No entanto, aos organizadores deste livro



► Eduardo Lourenço  
**DO COLONIALISMO  
COMO NOSSO  
IMPENSADO**

Gradiva, 350 pp, 14,5 euros

estava reservada uma surpresa: a genealogia e a seminalidade do tópico, a questão colonial, no horizonte mais vasto do filósofo e pensador.

A presente edição, orientada pelo professor, através duma lição única de inteligência crítica, humildade, lucidez e rigor, reproduz uma parte substancial dos documentos e fragmentos encontrados ao longo da investigação, sobretudo aqueles que possuem uma autonomia que não exige um aparato crítico; os demais poderão ser tratados apenas no quadro de uma edição científica. Este livro, além de comemorar o evento que o reaviva por inteiro, os 40 anos da Revolução dos Cravos, pretende restituir ao projeto este valor duplo: a genealogia que intersecta a biografia (do autor) e a história (do País e da Europa), mas também a potencialidade que possui para entendermos os futuros posicionamentos teóricos de Eduardo Lourenço perante Portugal, a Europa e os Países de língua portuguesa.” JL

ele era por dentro.

A descoberta de um tema, que mais tarde seria História, ocorreu em contextos muito diferentes que prolongaram os seus reflexos e as suas sombras pelo tempo.

Os textos, em particular escritos ou rabiscados antes do fim do Antigo Regime, nem sempre foram destinados para a publicação. Era inconcebível pensar que pudessem encontrar oportunidade naquele tempo. Parte deste material encontrou, depois de 25 de Abril, uma divulgação, outro continuou inédito na gaveta. Às vezes, pelo tom, o discurso parece assumir traços de monólogo, quase uma confissão comigo mesmo, um solilóquio sobre as contradições de um País, limiar da Europa, que encontrou nos mares o seu sonho e o seu pesadelo de grandeza. No entanto, as solicitações do presente, naquele tempo, eram tão numerosas que não me podia coibir de tomar, embora de modo solitário, uma posição antes de tudo analítica.

A paisagem muda depois de 74 (quando é publicada parte da reflexão em *Situação africana e consciência nacional* ou em artigo de revista e jornal). A questão aqui torna-se da decifração (póstuma) da perda que foi ao mesmo tempo de dimensões históricas, mas que aparentemente Portugal viveu com singular tranquilidade, como se fosse/estivesse consciente da consistência só imaginária ou onírica daquele império, embora o trauma de uma guerra silenciada permanecesse na sociedade como um trauma latente.

Na sociedade portuguesa o trabalho do luto, em todas suas dimensões psicanalíticas e coletivas, não foi completado, até só parcialmente começou. Contextos não centrais na cena histórica como, por exemplo, os da literatura foram o espaço onde se elaboraram as imagens mais complexas sobre o passado colonial e o fim do império. É como se uma reparação nossa (pelos dois lados de «nós») não fosse efetivamente possível. Como se não se conseguisse enterrar o cadáver, condenando-nos a falar infinitamente e pela língua da melancolia de um objeto liminar que foi e não foi, nosso e não nosso.

Talvez por isso, neste discurso que não se esvaziava, valha a pena considerar não as ruturas, mas sobretudo as continuidades que restaram do fim do império — que, no entanto, não foi o fim da sua imaginação também fantasmática — e se projetam sobre um presente que não é só singular mas é de partilha, incómoda, para toda a Europa. E que muda também o nosso olhar sobre os países que pela língua se espelham nalgumas páginas do nosso passado, como no caso mais evidente que é o do Brasil, ausência presente da nossa ressaca imperial.

Os 40 anos de atraso com que estas páginas são publicadas, ou reeditadas, não são, paradoxalmente, um anacronismo, como poderiam aparentar, mas o modo para repensar na consistência, às vezes opaca, outras vezes transparente, que o tempo nos ofereceu. JL